

Uso não-médico de medicamentos psicoativos entre escolares do ensino fundamental e médio no Sul do Brasil

Non-medical use of psychoactive medicines among elementary and high school students in Southern Brazil

Tatiane da Silva Dal Pizzol ¹
 Mirna Maria Nicolai Branco ²
 Rejane Maria Agne de Carvalho ¹
 Adriano Pasqualotti ³
 Elizabeth Nunes Maciel ⁴
 Ana Maria Bellani Migott ¹

Abstract

The objective of this study is to assess the prevalence of and risk factors for the non-medical use of psychoactive medicines among students at public and private schools of Passo Fundo, Southern Brazil. A cross-sectional study was carried out using a questionnaire administered to 5,057 students from the 5th grade of elementary school to the 3rd year of high school. The questionnaire contained questions about the use of amphetamines, tranquilizers, barbiturates, anticholinergics, opioids, appetite stimulants, and anabolic steroids. Of the sample total, 7.7% had consumed tranquilizers sometime during their lives, 6.4% had used amphetamines, 2.2% had used anabolic steroids, and 1.1% had used barbiturates. Female students reported significantly greater consumption of tranquilizers and amphetamines, while anabolic steroid use was more prevalent among males. The pattern of psychoactive medicine consumption among children and adolescents students is comparable with the pattern among adults. The findings of this research suggest the need to include children and adolescents in media campaigns and other education programs to prevent the non-medical use and abuse of psychoactive medicines.

Drugs Utilization; Psychotropic Drugs; Students

Introdução

O medicamento não é apenas uma droga aceita e utilizada mundialmente como um dos mais importantes recursos terapêuticos da medicina moderna. O medicamento também pode ser uma droga de abuso, causando tantos males quanto aqueles causados por diversas drogas de uso lícito ou ilícito, tais como dependência, síndrome de abstinência e distúrbios comportamentais ¹. Em 2001, os medicamentos lideraram a lista de agentes causadores de intoxicações em seres humanos no Brasil, comportamento que vem sendo observado desde 1996, de acordo com os registros do Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas ².

O consumo indevido de medicamentos em geral, e de psicotrópicos em particular, representa um grande problema de saúde pública, repercutindo nas manchetes e destaques dos meios de comunicação. Em uma análise das informações que jornais e revistas de abrangência estadual e nacional vêm divulgando sobre as implicações do uso de drogas para a saúde, os anabolizantes e derivados anfetamínicos se destacam entre os medicamentos utilizados como drogas de abuso ³.

Estudos transversais sobre o uso de substâncias psicoativas por crianças e adolescentes em fase escolar têm fornecido informações valiosas sobre a prevalência e magnitude dessa prática. Pesquisas com base populacional rea-

¹ Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Brasil

² Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Brasil.

³ Instituto de Ciências Exatas e Geociências, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Brasil.

⁴ Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Brasil.

Correspondência

T. S. Dal Pizzol
 Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Passo Fundo.
 Campus I, BR 285 km 171
 Passo Fundo, RS
 99001-970, Brasil.
 tatiane@saude.upf.br

lizadas nos grandes centros urbanos mostram que o álcool e o tabaco são as drogas lícitas mais utilizadas entre escolares brasileiros⁴. Poucos estudos, entretanto, têm revelado o comportamento em relação ao uso abusivo de medicamentos psicotrópicos por crianças e adolescentes. Em cidades localizadas no interior, onde características sócio-culturais, econômicas e ambientais podem influenciar no perfil da drogadição, as evidências são ainda mais escassas⁵.

Conhecendo o padrão de uso não-médico de medicamentos, é possível traçar medidas restritivas e educativas que venham a reduzir o problema na população investigada. O presente trabalho apresenta as prevalências de uso de medicamentos psicoativos e sua distribuição em relação a fatores sócio-demográficos entre escolares da rede de ensino público e privado na Cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Métodos

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior, com delineamento transversal, que avaliou o uso de várias drogas lícitas e ilícitas. A coleta de dados ocorreu entre setembro de 2001 e abril de 2002, na Cidade de Passo Fundo, localizada na Região Sul do Brasil. A população urbana, em 2002, era de aproximadamente 173 mil habitantes. A população de estudantes na rede pública e privada de ensino fundamental e médio de Passo Fundo era, no ano de 2000, composta por 44.784 alunos, distribuídos em 67 escolas, sendo 26 estaduais, 31 municipais e dez particulares.

A população do estudo foi constituída por todos os estudantes que estavam matriculados no ano de 2001 a partir da quinta série do ensino fundamental até a terceira série do ensino médio das escolas públicas e privadas de Passo Fundo. O tamanho da amostra foi calculado em 5.056 estudantes, admitindo-se um erro de investigação menor que 1,5% para um nível de significância de 5,0%. O poder estatístico (60,0%) foi calculado levando-se em consideração a prevalência estimada de uso na vida de drogas psicoativas de 65,0% (valor estimado para o consumo do álcool) e tendo-se em vista a detecção de *odds ratio* (OR) de 2,0, para uma estratificação de 1:1 de expostos (experimentação de algum tipo de droga psicoativa) e não-expostos (não experimentação de drogas psicoativas).

Foi realizada amostragem estratificada por série e sexo. A partir dos cadernos de chamada fornecidos pelas escolas, foi feito sorteio dos alunos, estratificado por série e turma, a fim de manter as proporções de alunos matriculados

em cada série. Foram sorteados alunos de todas as turmas a partir da quinta série das 67 escolas pesquisadas, sendo que o sorteio foi proporcional ao número total de alunos existentes em cada turma e à razão entre meninos e meninas. Os alunos sorteados que se recusavam a participar eram substituídos por outros, através de novo sorteio. Essa substituição somente ocorria entre os alunos que apresentassem o termo de consentimento assinado pelos pais ou responsável. Embora as recusas tenham ocorrido raramente, não foram quantificadas.

Para a coleta dos dados, utilizou-se o questionário de autopreenchimento sobre o uso de drogas elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), posteriormente adaptado e validado pelo Centro Brasileiro sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID)⁴. O questionário continha 41 questões, incluindo questões sócio-demográficas (sexo, idade, série escolar, defasagem escolar) e sobre o padrão de uso não-médico de drogas psicotrópicas (tabaco, álcool, maconha, cocaína, solventes e medicamentos, entre outras). Além disso, foi incluída uma questão sobre o uso de uma droga fictícia, para garantir a confiabilidade das respostas.

A aplicação foi realizada coletivamente em sala de aula, sem a presença do professor, por uma equipe de dez entrevistadores, previamente treinados para este fim. Para garantir o anonimato, os alunos foram orientados a não escrever seus nomes nos questionários, que foram depositados em uma urna localizada na saída da sala de aula. A coleta de dados ocorreu nos três turnos de funcionamento da escola. Foram investigadas as seguintes categorias de uso das drogas, de acordo com a classificação proposta pela OMS e descritas a seguir:

- Uso na vida: uso da substância psicoativa pelo menos uma vez na vida;
- Uso no ano: uso da substância psicoativa pelo menos uma vez nos 12 meses que antecederam a pesquisa;
- Uso no mês: uso da substância psicoativa pelo menos uma vez nos trinta dias que antecederam a pesquisa;
- Uso freqüente: uso da substância psicoativa seis ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa;
- Uso pesado: uso da substância psicoativa vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa.

As variáveis dependentes estudadas incluíram a utilização, em cada uma das cinco categorias de uso, dos seguintes medicamentos: ansiolíticos, anfetamínicos, anticolinérgicos, barbitúricos, anabolizantes, xaropes à base de codeína e outros derivados opiáceos. As variá-

veis independentes pesquisadas foram: idade, sexo, tipo de escola (pública ou privada), nível de ensino (fundamental ou médio) e defasagem escolar.

Os dados foram armazenados no conjunto de programas Epi Info, versão 6.0, e analisados no SPSS, versão 10.0. Para avaliar as associações entre diferentes variáveis categóricas, foi utilizado o teste do qui-quadrado; e os resultados, expressos em OR, considerando um nível de significância menor ou igual a 0,05 com um intervalo de confiança de 95,0%. Foi também utilizada regressão logística múltipla, na qual foram incluídas somente as variáveis associadas ao uso de medicamentos em um nível de significância menor do que 0,25, obtido por regressão simples.

A fim de atender os preceitos éticos relacionados com pesquisas envolvendo seres humanos, foi encaminhado aos pais e/ou responsável pelas crianças e adolescentes menores de 18 anos um termo de autorização, esclarecimento e consentimento informado, previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo.

Resultados

Foram aplicados 5.057 questionários, dos quais, 51 (1,0%) foram anulados, 13 por apresentarem resposta positiva sobre o uso de uma droga fictícia e 38 pela idade estar acima de 23 anos. A Tabela 1 resume as principais características sócio-demográficas da amostra analisada. A idade média foi de 14,4 (\pm 2,4). Em relação à distribuição por série escolar, 846 respondentes (17,0%) freqüentavam a 5ª série do ensino fundamental; 849 (17,1%), a 6ª série; 765 (15,4%), a 7ª série; e 693 (14,0%), a 8ª série. No ensino médio, freqüentavam a 1ª série 825 alunos (16,6%);

a 2ª série, 600 alunos (12,1%); e a 3ª série, 388 alunos (7,8%).

A Tabela 2 mostra as prevalências de uso de ansiolíticos, anfetamínicos, barbitúricos e anticolinérgicos, de acordo com as categorias de utilização. A análise de tendência revela uma redução linear das prevalências de uso desses medicamentos, de acordo com o número de

Tabela 1

Características sócio-demográficas de escolares da rede pública e privada (n = 5.006). Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2001/2002.

Características	n*	%
Sexo		
Masculino	2.434	49,0
Feminino	2.535	51,0
Faixa etária (anos)		
10-12	1.193	24,0
13-15	2.089	42,1
16-18	1.483	29,9
19-23	198	4,0
Tipo de escola		
Estadual	3.237	64,7
Municipal	1.141	22,8
Privada	628	12,5
Nível de ensino		
Fundamental	3.153	63,5
Médio	1.813	36,5
Defasagem escolar (anos)		
Não tem	2.659	54,0
1-2	1.738	35,2
3 ou mais	531	10,8

* Os totais não coincidem devido à falta de informação para algumas variáveis.

Tabela 2

Uso de medicamentos por escolares da rede pública e privada, de acordo com as categorias de usuários (n = 5.006). Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2001/2002.

Medicamento	Na vida		No ano		Uso		Freqüente		Pesado		Valor de p*
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Ansiolíticos	382	7,7	282	5,7	102	2,1	16	0,3	40	0,8	p < 0,001
Anfetamínicos	320	6,4	258	5,2	73	1,5	28	0,6	54	1,1	p < 0,001
Barbitúricos	56	1,1	36	0,7	12	0,2	–	–	4	0,1	p < 0,001
Anticolinérgicos	50	1,0	36	0,7	17	0,3	2	0,1	3	0,1	p < 0,001

* Teste do qui-quadrado para tendência linear.

vezes que o medicamento foi utilizado na vida, no ano e nos últimos trinta dias.

Em resposta à questão sobre o nome do ansiolítico utilizado, o diazepam foi citado por 79 respondentes (1,6%); bromazepam, por 50 (1,0%); e lorazepam, por 18 (0,4%). Em relação aos anfetamínicos, os fármacos mais citados foram: anfepramona (20 casos, 0,4%), femproporex (15 casos, 0,3%) e fenfluramina (14 casos, 0,3%). Entre os barbitúricos, destacou-se o fenobarbital, citado por 12 respondentes (0,2%).

Para os demais medicamentos incluídos no questionário, foi declarado o uso de anabolizantes por 110 respondentes (2,2 %); derivados opiáceos, por 38 (0,8%); xaropes à base de codeína, por 34 (0,7%); e orexígenos, por 17 respondentes (0,3%).

A distribuição das prevalências de uso na vida dos medicamentos por sexo, idade, tipo de escola, nível de ensino e defasagem escolar é apresentado na Tabela 3 para os ansiolíticos e anfetamínicos e na Tabela 4 para os anabolizantes e barbitúricos.

Quanto à distribuição por sexo, foi verificada uma prevalência de uso de ansiolíticos e de anfetamínicos maior nas meninas, enquanto que o uso de anabolizantes foi maior nos meninos. O uso de ansiolíticos, anfetamínicos, anabolizantes e barbitúricos foi maior em indivíduos com idade acima de 12 anos. Em relação à associação entre o tipo de escola e o uso de medicamentos, foi verificada uma prevalência de uso de anfetamínicos nos estudantes de escolas particulares 1,6 vez maior que a prevalência de uso entre estudantes de escolas públicas (IC95%: 1,2-2,1). Para os ansiolíticos, foi verificada uma prevalência 1,3 vez maior nas escolas particulares, com uma significância limítrofe.

Em relação às variáveis relacionadas com a escolaridade do entrevistado, foi verificada uma prevalência de uso de ansiolíticos e anfetamínicos maior nos estudantes do ensino médio e com defasagem escolar de, pelo menos, um ano. O uso de barbitúricos e anabolizantes também mostrou associação com defasagem escolar, mas não com o nível de escolaridade.

Adicionalmente, foram feitas algumas perguntas específicas sobre o uso de anabolizantes. Questionados sobre quem havia aconselhado a usar o medicamento anabolizante, 38 (34,5%) mencionaram “*amigo da academia de ginástica*”; 23 (20,9%), “*amigo da escola*”; e 15 (13,6%), “*parentes*”. Sobre a fonte de obtenção do anabolizante, 44 (40,0%) citaram a farmácia; 16 (14,5%), a academia; e 10 (9,1%), amigo ou parente.

Finalmente, foi verificado que o uso na vida de ansiolíticos apresentou associação com o

uso na vida de anfetamínicos (OR = 5,4; IC95%: 4,5-6,6), anabolizantes (OR = 4,8; IC95%: 3,2-7,1), barbitúricos (OR = 12,9; IC95%: 7,7-21,8) e anticolinérgicos (OR = 9,2; IC95%: 5,3-16,0).

Discussão

O perfil de experimentação e o consumo de medicamentos, como drogas de abuso, por estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas de Passo Fundo apresentam diversos pontos em comum com os resultados obtidos em grandes centros urbanos do Brasil.

Os medicamentos mais consumidos na vida, de acordo com o relato dos participantes, foram os ansiolíticos, seguidos dos anfetamínicos, em concordância com estudos anteriores realizados em 12 capitais localizadas nas cinco regiões demográficas do Brasil^{4,6,7} e em um município de 323 mil habitantes, no interior do Rio Grande do Sul⁸. De um modo geral, o uso de substâncias psicoativas acarreta problemas de saúde, educacionais e sociais, tais como dependência, ausência no trabalho ou escola, deterioração das relações familiares, dificuldades de inclusão social, predisposição ao crime e à violência, entre tantos outros. Os medicamentos mais citados neste estudo exigem diversas precauções quando usados na clínica, com riscos de complicações agudas e crônicas importantes e que podem ser ainda mais graves quando utilizados inadequadamente. Os derivados anfetamínicos, por exemplo, podem provocar desde quadros ansiosos e síndrome de abstinência até sintomas psicóticos e dependência, distúrbios para os quais o tratamento é ainda limitado⁹. Além disso, os efeitos a longo prazo em crianças são pouco conhecidos¹⁰.

A maior prevalência de uso na vida de ansiolíticos benzodiazepínicos em estudantes do sexo feminino e com idade acima de 12 anos é condizente com dados anteriores apontados na literatura^{4,8,11}. Esse achado sugere um padrão de medicalização semelhante ao observado em mulheres adultas, que buscam alívio para seus problemas domésticos ou laborais através de “*calmantes químicos*”. Essa associação entre gênero e consumo de medicamentos tem sido analisada em estudos direcionados para a população adulta, mas não para crianças e adolescentes^{12,13}.

O consumo, no ano, de anfetaminas, verificado no presente estudo (5,2%), foi inferior ao relatado por uma amostra de 13.549 estudantes canadenses (8,5%)¹⁴. Por outro lado, o consumo mensal de ansiolíticos e anfetamínicos

Tabela 3

Prevalência de uso na vida de ansiolíticos e anfetamínicos, de acordo com características sócio-demográficas.
Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2001/2002.

	n	%	Ansiolíticos OR (IC95%)	OR ajustado (IC95%)*	n	%	Anfetamínicos OR (IC95%)	OR ajustado (IC95%)*
Sexo								
Feminino	254	10,1	1,9 (1,6-2,4)	2,0 (1,6-2,6)	234	9,3	2,6 (2,1-3,4)	3,0 (2,3-3,8)
Masculino	126	5,2		1,0**	85	3,5		1,0**
Idade (anos)								
> 12	344	9,2	3,0 (2,1-4,2)	2,4 (1,6-3,5)	290	7,7	3,2 (2,2-4,6)	2,3 (1,5-3,6)
≤ 12	36	3,0		1,0**	29	2,5		1,0**
Escola								
Particular	60	9,6	1,3 (1,0-1,7)	1,3 (1,0-1,8)	60	9,6	1,6 (1,2-2,1)	2,0 (1,5-2,8)
Pública	322	7,4		1,0**	260	6,0		1,0**
Nível								
Médio	206	11,4	2,0 (1,7-2,5)	1,6 (1,3-2,1)	169	9,4	1,9 (1,6-2,4)	1,5 (1,2-1,9)
Fundamental	174	5,6		1,0**	151	4,8		1,0**
Defasagem								
Sim	189	8,4	1,2 (1,0-1,4)	1,1 (0,9-1,4)	180	8,0	1,5 (1,2-1,9)	1,7 (1,3-2,2)
Não	189	7,1		1,0**	139	5,3		1,0**

* Ajustado por regressão logística para as variáveis sexo, idade, escola, nível de ensino e defasagem escolar.

** Grupo de referência.

Tabela 4

Prevalência de uso na vida de anabolizantes e barbitúricos, de acordo com características sócio-demográficas.
Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2001/2002.

	n	%	Anabolizantes OR (IC95%)	OR ajustado (IC95%)*	n	%	Barbitúricos OR (IC95%)	OR ajustado (IC95%)*
Sexo								
Feminino	27	1,1	0,3 (0,2-0,5)	0,35 (0,2-0,5)	33	1,3	1,4 (0,8-2,5)	1,6 (0,9-2,7)
Masculino	83	3,4		1,0**	22	0,9		1,0**
Idade (anos)								
> 12	99	2,6	2,8 (1,5-5,3)	1,8 (0,9-3,6)	50	1,3	3,2 (1,3-7,9)	2,5 (0,9-6,9)
≤ 12	11	0,9		1,0**	5	0,4		1,0**
Escola								
Particular	11	1,8	0,8 (0,4-1,4)	1,3 (0,6-2,5)	10	1,6	1,5 (0,8-3,0)	2,4 (1,1-5,1)
Pública	99	2,3		1,0**	46	1,1		1,0**
Nível								
Médio	41	2,3	1,1 (0,7-1,6)	1,0 (0,6-1,5)	22	1,2	1,1 (0,7-1,9)	0,8 (0,5-1,5)
Fundamental	65	2,1		1,0**	34	1,1		1,0**
Defasagem								
Sim	78	3,5	3,3 (2,1-5,0)	2,8 (1,7-4,5)	36	1,6	2,2 (1,3-3,9)	2,3 (1,2-4,4)
Não	28	1,1		1,0**	19	0,7		1,0**

* Ajustado por regressão logística para as variáveis sexo, idade, escola, nível de ensino e defasagem escolar.

** Grupo de referência.

foi maior do que o observado entre escolares de Barueri, na grande São Paulo¹⁵. Cabe destacar que o estudo realizado em São Paulo não incluiu escolas particulares, fator associado ao maior uso de anfetamínicos pelos estudantes passo-fundenses. Em relação à prevalência de uso pesado de anfetamínicos relatada em Passo Fundo, embora numericamente pequena (1,1%), é comparável à prevalência verificada entre indivíduos adultos de Pelotas, no Sul do Brasil (1,3%)¹⁶.

É importante notar que as associações verificadas entre o uso de ansiolíticos e os demais medicamentos analisados neste estudo são sugestivas de polimedicação, de acordo com a hipótese de que o abuso de substâncias psicoativas, sejam essas lícitas ou ilícitas, raramente ocorre de forma isolada^{12,17}.

Embora a adolescência termine aos 21 anos, de acordo com os critérios da OMS, no presente estudo, a faixa etária foi expandida até os 23 anos de idade, uma vez que as características afetivas e emocionais dos adolescentes, muitas vezes, perpassam a idade cronológica¹⁸. Limitando as análises bivariadas à faixa etária compreendida entre 10 e 19 anos, as associações entre as variáveis sócio-demográficas e o uso de medicamentos mantiveram-se constantes.

Apesar do baixo índice de questionários anulados (1,0%) e do seu amplo uso em estudos dessa natureza, cabe ressaltar que se trata de um instrumento não-validado, uma vez que mede o relato de consumo de medicamentos, mas não do consumo em si. Além disso, não permite o diagnóstico de dependência a essas e outras drogas⁴.

Mesmo que o anonimato tenha sido garantido aos alunos, a prevalência de uso dos medicamentos pode estar subestimada pelo viés de informação associado à omissão do uso dos medicamentos por autocensura ou medo de ser repreendido por ter usado um medicamento com finalidades não-médicas. Deve-se tam-

bém considerar a possibilidade de viés de memória nas questões relacionadas com eventos passados, como o uso na vida e no ano para alguns medicamentos investigados⁷.

Estudos voltados para a população estudantil sistematicamente estimam a prevalência mínima de uso de drogas em crianças e adolescentes, já que não incluem aqueles indivíduos que não freqüentam a escola e que, por essa situação, podem estar mais predispostos ao uso de drogas. Por esse motivo, inquéritos voltados para a população estudantil não podem ser generalizados para crianças e adolescentes com evasão escolar ou que nunca freqüentaram a escola⁸.

Os programas destinados à prevenção do uso abusivo de substâncias psicoativas tendem a não valorizar corretamente a relevância do uso dos medicamentos, apesar dos reconhecidos riscos à saúde associados ao seu uso e agravado quando esse é desnecessário ou inadequado. Depois do álcool e do tabaco, as substâncias mais enfocadas nesses programas costumam ser as de uso ilícito, seguindo os padrões de outros países, que apresentam realidades diferentes no acesso e consumo de medicamentos.

É importante destacar que o uso abusivo de medicamentos por crianças e adolescentes pode ser agravado, no Brasil, pela facilidade de acesso a esses produtos, tendo em vista o número elevado de farmácias e drogarias e as práticas comerciais ética e legalmente questionáveis cometidas por diversos estabelecimentos.

Dessa forma, entre as diretrizes que norteiam as ações públicas de prevenção ao uso indevido de drogas, devem ser previstas campanhas educativas voltadas para a população juvenil, com ênfase para os medicamentos psicoativos mais consumidos. Além disso, o controle da venda a menores de idade e em desacordo com as demais restrições estabelecidas pela legislação sanitária deve ser redobrado.

Resumo

O objetivo do presente estudo é investigar a prevalência de uso não-médico de medicamentos entre escolares da rede de ensino público e privado de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil, e sua distribuição em relação a fatores sócio-demográficos. Por meio de um delineamento transversal, foi aplicado um questionário de autoperenchimento a 5.057 estudantes a partir da quinta série do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. O questionário continha perguntas sobre o uso, sem receita médica, de anfetamínicos, ansiolíticos, barbitúricos, anticolinérgicos, opiáceos, orexígenos e anabolizantes. Da amostra, 7,7% consumiram ansiolíticos alguma

vez na vida, 6,4% consumiram anfetamínicos, 2,2%, anabolizantes, e 1,1%, barbitúricos. Estudantes do sexo feminino apresentaram maior consumo de ansiolíticos e anfetamínicos, enquanto que o consumo de anabolizantes foi maior no sexo masculino. O padrão de consumo de medicamentos psicoativos é semelhante ao observado em adultos, sugerindo a necessidade de inclusão de crianças e adolescentes nas campanhas educativas para prevenção do uso indevido de medicamentos.

Uso de Medicamentos Psicotrópicos; Estudantes

Colaboradores

A. Pasqualotti, A. M. B. Migott, E. N. Maciel, M. M. N. Branco, R. M. A. Carvalho e T. S. Dal Pizzol participaram na concepção e execução do projeto. A. Pasqualotti, M. M. N. Branco e T. S. Dal Pizzol participaram na análise e interpretação dos dados. Todos os autores participaram na elaboração e revisão do texto.

Referências

1. Nascimento MC. Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde? Rio de Janeiro: Vieira e Lent; 2003.
2. Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas. Casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico e circunstância. Brasil, 2001. <http://www.cict.fiocruz.br/intoxicacoeshumanas/2001/brasil2001.htm> (acessado em 15/Set/2005).
3. Noto AR, Baptista MC, Faria ST, Nappo AS, Galduróz JC, Carlini EA. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Cad Saúde Pública* 2003; 19:69-79.
4. Galduróz JCF, Noto AR, Carlini E. IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1ª e 2ª graus em 10 capitais brasileiras – 1997. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas da Unifesp; 1997.
5. Guimarães JL, Godinho PH, Cruz R, Kappann JI, Tosta Junior LA. Psychoactive drugs use by school-age adolescents, Brazil. *Rev Saúde Pública* 2004; 38:130-2.
6. Souza DPO, Martins DTO. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1ª e 2ª graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil, 1995. *Cad Saúde Pública* 1998; 14:391-400.
7. Baús J, Kupek E, Pires M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Rev Saúde Pública* 2002; 36:40-6.
8. Tavares BF, Béria JU, Lima MS. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Rev Saúde Pública* 2001; 35:150-8.
9. World Health Organization. Systematic review of treatment for amphetamine-related disorders. Geneva: World Health Organization; 2001. (Management of Substance Dependence Review Series).
10. Facts and Comparisons. Drug facts and comparisons. St. Louis: Facts and Comparisons; 2001.
11. González GB, Cedeño MA, Penna M, Caris L, Delva J, Anthony JC. Estimated occurrence of tobacco, alcohol, and other drug use among 12 to 18-year-old students in Panama: results of Panama's 1996 National Youth Survey on Alcohol and Drug Use. *Rev Panam Salud Pública* 1999; 5:9-16.
12. Simoni-Wastila L, Strickler G, Ritter G. Gender and other factors associated with the non-medical use of abusable prescription drugs. *Subst Use Misuse* 2004; 39:1-23.
13. Graham K, Vidal-Zeballos D. Analyses of use of tranquilizers and sleeping pills across five surveys of the same population (1985-1991): the relationship with gender, age and use of other substances. *Soc Sci Med* 1998; 46:381-95.
14. Poulin C. Medical and nonmedical stimulant use among adolescents: from sanctioned to unsanctioned use. *CMAJ* 2001; 165:1039-44.
15. De Micheli D, Formigoni MLOS. Drug use by Brazilian students: associations with family, psychosocial, health, demographic and behavioral characteristics. *Addiction* 2004; 99:570-8.
16. Lima MS, Béria JU, Tomasi E, Mari JJ. Use of amphetamine-like appetite suppressants: a cross-sectional survey in southern Brazil. *Subst Use Misuse* 1998; 33:1711-9.
17. Smart RG, Ogborne AC. Drug use and drinking among students in 36 countries. *Addict Behav* 2000; 25:455-60.
18. Volkmar FR, Lewis M. Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.

Recebido em 05/Ago/2004

Versão final reapresentada em 31/Mai/2005

Aprovado em 13/Jun/2005